



Universidades Lusíada

Carvalho, Maria Eduarda Salgado, 1963-

Escala do desenho da gravidez e escala do desenho da família imaginada aplicadas aos II e III trimestres de gestação

<http://hdl.handle.net/11067/3543>

<https://doi.org/10.34628/knfe-4k69>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	O presente artigo trata de um estudo de investigação acerca da aplicação e validação de duas provas projetivas do desenho aplicado na gravidez dirigida a uma amostra de 211 mulheres grávidas avaliadas no segundo e no terceiro trimestres de gestação. Nestes dois momentos de avaliação pedimos a cada sujeito da amostra a realização de dois desenhos. Em primeiro lugar, pedimos a cada sujeito para desenhar a sua imagem corporal na gravidez e posteriormente pedimos a cada sujeito para desenhar a sua f...
Palavras Chave	Gravidez - Aspectos psicológicos, Maternidade - Aspectos psicológicos, Desenho - Psicologia
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 06, n. 1 (Janeiro-Junho 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:19:10Z com informação proveniente do Repositório

ESCALA DO DESENHO DA GRAVIDEZ E ESCALA DO DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINADA APLICADAS AOS II E III TRIMESTRES DE GESTAÇÃO

DRAWING PREGNANCY SCALE AND DRAWING FAMILY IMAGINED SCALE APPLIED TO II AND III TRIMESTERS

M. Eduarda Carvalho

*Departamento de Pós-Graduações da Universidade Lusitana de Lisboa;
Membro Investigador Integrado no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*

Contacto para correspondência:
educarte@sapo.pt

Resumo: O presente artigo trata de um estudo de investigação acerca da aplicação e validação de duas provas projetivas do desenho aplicado na gravidez dirigida a uma amostra de 211 mulheres grávidas avaliadas no segundo e no terceiro trimestres de gestação. Nestes dois momentos de avaliação pedimos a cada sujeito da amostra a realização de dois desenhos. Em primeiro lugar, pedimos a cada sujeito para desenhar a sua imagem corporal na gravidez e posteriormente pedimos a cada sujeito para desenhar a sua família tal como a imagina no futuro, após o bebé nascer.

O estudo fatorial realizado com base em categorias de cada um dos desenhos resultou em duas escalas de avaliação, respetivamente, a escala do desenho da gravidez e a escala da futura família imaginada, cada uma delas constituída por quatro dimensões, todas elas com adequada consistência interna. O estudo das diferenças entre os dois momentos de avaliação para cada uma das escalas mostram que a representação gráfica da gravidez e da família imaginada é sensível à idade gestacional. Para além disso o estudo de correlação entre as duas escalas mostram a existência de associações significativas entre algumas dimensões da escala do desenho da gravidez e algumas dimensões da escala do desenho da futura família imaginada.

Palavras-chave: gravidez, maternidade, imagem corporal, desenho da gravidez, desenho da família.

Abstract: This article is a research study about the application and validation of two projective tests applied to a sample of 211 pregnant women, in the second and third trimesters of pregnancy. The test has two moments where we asked each subject of the sample to do two drawings. First, we asked each subject to draw their body image during pregnancy and afterwards we asked each subject to draw their family as imagined in the future, after the baby is born. The factorial study based on the categories of each of the drawings resulted in two rating scales, respectively. The drawing scale of pregnancy and the scale of imagined future family, each consisting of four dimensions and all of them with adequate internal consistency. The study of the differences between the two moments for each of the scales show that the graphical representation of pregnancy and the imagined family is sensitive to the gestational age. In addition, the correlation study between the two scales show that there are significant associations between some dimensions of the pregnancy drawing scale and some dimensions of the drawing scale of the imagined future family.

Key-words: pregnancy, motherhood, body image, drawing pregnancy, family drawing

Introdução

O desenho da gravidez como medida psicométrica

A pesquisa científica evidencia o uso da aplicação do desenho projetivo da figura humana como medida de avaliação geral da personalidade do sujeito (Tolor & Digrazia, 1977). Por outro lado, as referências teóricas da psicologia da gravidez evidenciam as transformações de identidade da mulher neste período particular e as mudanças de ajustamento do Self como principal recurso interno no trabalho de elaboração psicológica da gravidez e organização da maternalidade. Assim, o acesso à avaliação da personalidade da mulher grávida constitui um fator importante como indicador da sua organização psíquica durante a gravidez.

Os principais fundamentos acerca da aplicação da prova projectiva do desenho da imagem corporal da mulher grávida são baseados, por um lado, em fundamentos gerais das técnicas projetivas do desenho da figura humana (Harris, 1981 & Machover, 1949) e, em segundo lugar, nos fundamentos científicos acerca da associação entre o reconhecimento e a aceitação da imagem corporal da mulher grávida, o ajustamento materno na gravidez e a vinculação materna pré-natal (Mendes, 2002).

Nos anos oitenta, alguns autores psicanalistas (Pharquet & Delcambra, 1980) destacaram a importância da aplicação das técnicas gráfico-visuais projetivas no âmbito da observação psicológica da gravidez. Os autores despertaram o seu interesse pela observação e comparação de desenhos realizados por mulheres grávidas com e sem risco psicológico na gravidez, sugerindo o interesse das técnicas gráficas projetivas como medida de avaliação psicológica da organização psíquica da gravidez e particularmente da avaliação da representação materna do bebé imaginado. Estudos posteriores (Sá & Biscaia, 2004; Swan- Foster & Dorsey, 2003) pareceram corroborar o interesse de aplicação do desenho projetivo na gravidez, refletindo a presença de fatores determinantes de ajustamento materno da gravidez, tais como o maior ou menor reconhecimento e a aceitação da imagem corporal da gravidez e refletindo também a qualidade de diferenciação fetal e de ligação afetiva materno-fetal expressa nas produções gráficas durante a gravidez.

Um estudo desenvolvido por Héléne Riazuelo (2004) com uma amostra de 36 mulheres grávidas, das quais 20 se encontravam na sua primeira gravidez e as outras 16 estavam na segunda gravidez, era pedido o desenho do bebé e o desenho da sua família imaginada, durante o sétimo mês de gestação. Os resultados revelaram a existência de diferenças na representação gráfica do feto conforme se tratasse de um primeiro ou de um segundo filho. Concretamente as mulheres que esperam um segundo filho representam o feto de uma forma mais real, com detalhes reveladores da aceitação da gravidez (cordão umbilical, placenta) e o feto em posição cefálica, sugerindo um parto eminente. A sugestão de um parto eminente surge associado a acontecimentos traumáticos em relação à gravidez anterior que dificultam a revêrie materna acerca do bebé imaginário. Relativamente ao desenho da família, o primeiro filho parece ocupar um lugar de investimento narcísico no seio da relação conjugal, reactivando relações com as figuras parentais, enquanto o segundo filho parece ser investido como membro da família, reactivando relações de fratria.

O Desenho da Gravidez, tal como foi aplicado no presente estudo, é uma medida construída e adaptada com base em outros estudos de aplicação do método projectivo do desenho (Harris, 1981; Kolck, 1984), no contexto da gravidez saudável e da gravidez de risco (Sá & Biscaia, 2004; Pharquet & Delcambre, 1980; Dorsey & Swan-Foster, 2003; Tolor & Digrazia, 1977). Constituinte uma adaptação do desenho da figura humana (Machover, 1949) ao contexto da avaliação psicológica da gravidez, o desenho da gravidez pretende avaliar, especificamente, a representação gráfica da imagem corporal da mulher grávida e a imagem do feto/bebé imaginário.

Dada a divergência de metodologias dos estudos efetuados neste domínio e falta de consistência nas instruções dadas aos sujeitos, optámos por uma metodologia de procedimento criada originalmente para este estudo: em simultâneo à apresentação do material (folha A4 de papel para desenho, lápis de carvão nº 2 e borracha) foi dada a seguinte instrução a cada mulher grávida para a realização do desenho da gravidez: "Gostaria que se desenhasse a si mesma como grávida".

A análise das características da medida do Desenho da Gravidez foi obtida a partir dos dados recolhidos no segundo trimestre de gestação, entre as 20 e as 24 semanas. Para validar esta medida, enquanto escala, foi feita uma análise fatorial para avaliar a distribuição do conjunto global dos itens criados por cada dimensão. Posteriormente procedeu-se a um estudo da consistência interna das dimensões obtidas.

Na análise efetuada foram testados vários modelos fatoriais de modo a encontrar-se o modelo que se revelasse com melhor estrutura fatorial. Optámos por um modelo de quatro fatores que explica 54.238% da variância. As dimensões representação do bebé Imaginário, representação da figura materna e diferenciação do bebé revelaram uma consistência interna forte, (.966, .888 e .846, respetivamente) e a dimensão reconhecimento da gravidez revelou uma consistência interna aceitável (.588) dado o número de itens (6 itens) que a constituem (Nunnally, 1978), permitindo assim o uso desta medida como uma escala com quatro dimensões que medem, respetivamente, a representação do bebé imaginário, a representação da imagem materna, a diferenciação do bebé e o reconhecimento da gravidez.

O desenho da futura família imaginada como medida psicométrica

A prova projetiva do Desenho da Família foi originalmente concebida por Corman (1967). Não se encontra nenhuma referência científica sobre a aplicação do desenho da família em mulheres grávidas adultas. Contudo, foi, recentemente, identificado na revisão da literatura (Lima, 2010) a existência de um teste do desenho do casal para avaliar a satisfação conjugal. Os dados da literatura identificam, também, estudos de investigação (Fury, Carlson, & Soufre, 1997; Madigan et al., 2003, 2004) que utilizam o desenho da família para estudar variáveis tais como o tipo de vinculação e as representações do tipo de vínculo parental em crianças e adolescentes.

O Desenho da Futura Família Imaginada consiste na adaptação da prova projetiva do Desenho da Família (Corman, 1967) ao contexto da dinâmica familiar da futura maternidade. Pretende avaliar a representação gráfica realizada pela mulher grávida acerca da família imaginada após o nascimento do bebé e, particularmente, o lugar ocupado e a relação fantasmática do futuro bebé na dinâmica familiar. O desenho da família imaginada foi aplicado em dois momentos de observação, no segundo trimestre de gestação (entre as 20 e as 24 semanas) e no terceiro trimestre de gestação (entre as 28 e as 36 semanas), respetivamente.

Com a intenção de utilizarmos o desenho da família imaginada enquanto medida mensurável procedemos à construção de uma escala de avaliação da representação gráfica da família imaginada. Para o efeito, procedeu-se a uma análise fatorial com o conjunto de todos os itens da escala tendo-se obtido um conjunto de 4 fatores que explica 51.014% da variância total e que permitiram a identificação de quatro dimensões designadas, de acordo com a análise de

conteúdo dos itens respetivos: rostos; imagem corporal das figuras parentais; cinestesia e imagem do bebé na família. Todas as dimensões apresentaram uma consistência interna adequada com valores de Alfa de Cronbach de .915 na dimensão “rostos”; .919 na dimensão “imagem corporal das figuras parentais”; .760 na dimensão “cinestesia” e .748 na dimensão imagem do bebé, permitindo assim o uso desta medida como uma escala com quatro dimensões.

Metodologia

A amostra do presente estudo foi recolhida com base nos seguintes critérios de inclusão: mulheres grávidas com idades acima dos dezanove anos, com tempo gestacional entre as vinte e as vinte e quatro semanas (no primeiro momento de observação) e que coabitassem com o pai da futura criança. Foram considerados como critérios de exclusão a gravidez gemelar ou a gravidez com diagnóstico clínico de alto risco obstétrico e a gravidez abaixo dos dezanove anos, assim como o défice auditivo identificado em exame audiométrico.

Foi recolhida uma amostra de conveniência de 211 mulheres grávidas, com idades entre 22 e 42 anos, com uma média de idades de 32.26 anos ($DP = 3.89$). A maior parte das participantes eram portuguesas (92.4%) e casadas (67.3%). A média da escolaridade era de 15.63 anos completos ($DP = 3.03$) e a média de anos de união do casal era de 8.93 anos ($DP = 5.20$). Relativamente aos dados da gravidez atual, a maioria das mulheres referiu ter uma gravidez desejada (99.5%) e planeada (81.5%), sem referência a fatores de risco (83.9%) e a acontecimentos traumáticos (85.8%). Entre aquelas mulheres que sabem o sexo do bebé, a maioria referiu que vai ter um rapaz (46.0%) e que a reação a esta informação foi na sua maioria positiva (70.1%). A maioria das participantes referiu não ter preferência entre sexos (59.2%), mas entre as que referiram ter preferência por determinado sexo (40.8%), a escolha recaía sobre o sexo feminino (28.0%) e entre todas as participantes a maioria já tinha escolhido o nome do bebé (69.2%). No primeiro momento de avaliação (segundo trimestre), as mulheres tinham entre 20 a 24 semanas de gestação tendo quase 50% da amostra 22 semanas. No segundo momento de avaliação (terceiro trimestre), as mulheres tinham em média 32 semanas. O início da perceção de movimentos fetais teve lugar, em média, às 18 semanas de gestação.

No que respeita aos dados das histórias obstétricas quase metade das mulheres estavam na sua primeira gravidez (45%), registando-se 37% que estavam na segunda gravidez e 14% que estavam na terceira gravidez, sendo muito poucas as que tinham tido mais do que duas gravidezes anteriores. A maioria das mulheres não tinha outros filhos (57%), registando-se 34% que referiram ter um filho e não havia nenhuma com mais de três filhos anteriores. Apenas 4% da amostra revelou ter feito uma interrupção voluntária de gravidez e nenhuma mulher revelou ter feito mais do que uma. A grande maioria das participantes (83%) não referiu ter tido interrupções espontâneas da gravidez, tendo contudo 17% da amostra relatado

uma a três interrupções espontâneas da gravidez. Apenas 4% da amostra relatou ter feito interrupções cirúrgicas da gravidez por recomendação médica.

O levantamento da amostra foi feito mediante contacto e acordo prévio com a Direção do Centro Ecográfico de Entrecampos localizado em Lisboa, instituição privada que presta serviço especializado de diagnóstico obstétrico e rastreio clínico incluindo diagnóstico pré-natal com exame ecográfico a utentes de várias zonas geográficas do País de Norte a Sul, incluindo as Ilhas dos Açores e da Madeira. Após a sinalização pelo serviço de secretaria das marcações de exames ecográficos a serem realizados pelas vinte e duas semanas de gestação, procedeu-se a um primeiro contacto pessoal com essas utentes no dia da marcação. Nesse momento informámos cada participante acerca dos objetivos da investigação, sendo-lhes explicado o motivo do pedido da sua colaboração e sendo estabelecido um acordo informado da disponibilidade de colaboração por parte de cada participante.

Nos casos de obtenção do consentimento informado de colaboração procedeu-se, nesse mesmo dia, a uma primeira observação decorrida durante o tempo de espera que antecedia a realização do exame da ecografia morfológica das vinte e duas semanas. Esta primeira observação foi realizada entre as vinte e as vinte e quatro semanas de gestação, num gabinete do Centro Ecográfico de Entrecampos. No final desta primeira observação estabelecíamos a marcação do segundo momento de observação a ser realizada por ocasião da marcação do exame de ecografia do último trimestre de gravidez, na maioria dos casos, realizada pelas trinta e duas semanas. Esta segunda observação foi realizada entre as vinte e oito e as trinta e seis semanas de gestação. Também esta segunda observação decorreu durante o tempo de espera que antecedia a realização do exame de ecografia do terceiro trimestre, num gabinete do Centro Ecográfico de Entrecampos.

Resultados

Com o objetivo de avaliar a evolução do desenho da gravidez na passagem do segundo para o terceiro trimestre de gestação procedeu-se a uma análise das diferenças entre os dois momentos de avaliação (amostras relacionadas) através da utilização do teste Wilcoxon. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois momentos de avaliação para a representação da imagem materna no desenho da gravidez com $Z = -2.817$; $p = .005$. Os resultados mostram que a representação da imagem materna no desenho da gravidez é superior no terceiro trimestre.

Com o objetivo de avaliar a evolução do desenho da futura família imaginada na passagem do segundo para o terceiro trimestre procedeu-se a uma análise das diferenças entre os dois momentos de avaliação (amostras relacionadas) relativamente às dimensões da escala do desenho da família. Para isso, foi utilizado o teste Wilcoxon.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois momentos de avaliação para a dimensão da imagem corporal das figuras parentais com $Z = -2.044$; $p = .041$ e também na dimensão da imagem do bebê na família com $Z = -2.543$; $p = .014$. Os resultados mostram que a imagem corporal das figuras parentais e a imagem do bebê na família são mais ricas no segundo trimestre por comparação ao terceiro trimestre.

Os resultados da análise de correlação revelaram que a dimensão da “representação do bebê imaginado” (da escala do desenho da gravidez) correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões “imagem corporal das figuras parentais” e “imagem do bebê na família” (da escala do desenho da futura família imaginada), com valores de correlação de $r = .15$; $p = .035$ e $r = .17$; $p = .017$, respetivamente. Os resultados mostram que quanto mais rica é a representação do bebê imaginário (no desenho da gravidez) mais rica é a imagem corporal das figuras parentais e da imagem do bebê (no desenho da futura família imaginada).

A dimensão “representação da imagem materna” (da escala do desenho da gravidez) correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões do desenho da família “rostos”, “imagem corporal das figuras parentais” e “cinestesia”, com valores de correlação de $r = .44$; $p < .000$, $r = .27$; $p < .000$ e $r = .35$; $p < .000$, respetivamente. Os resultados mostram que quanto mais rica é a representação da imagem materna no desenho da gravidez mais rica é a representação dos rostos, da imagem corporal das figuras parentais e da cinestesia no desenho da futura família imaginada.

A dimensão “diferenciação do bebê imaginário” (no desenho da gravidez) correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões do desenho da família “rostos”, “cinestesia” e “imagem do bebê na família”, com valores de correlação de $r = .29$; $p < .000$, $r = .26$; $p < .000$ e $r = .21$; $p = .004$, respetivamente. Os resultados mostram que quanto maior é a diferenciação do bebê no desenho da gravidez mais rica é a representação dos rostos, da cinestesia e da imagem do bebê na família, no desenho da futura família imaginada.

A dimensão “reconhecimento da gravidez” (da escala do desenho da gravidez) correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão do desenho da família “cinestesia”, com um valores de correlação de $r = .18$; $p = .014$. Os resultados mostram que quanto maior é o reconhecimento da gravidez no desenho da gravidez mais rica é a representação da cinestesia no desenho da futura família imaginada.

Conclusão

O estudo comparativo entre os dois trimestres, do desenho da gravidez permitiu confirmar dados da literatura (Pharquet & Delcambra, 1980; Sá

& Biscaia, 2004), segundo os quais o bebé imaginário que a mãe projeta no desenho parece ser independente da imagem do feto. Poderemos concluir, em conformidade com esses dados da literatura que os conteúdos mentais projetados no desenho da gravidez dependem mais das representações mentais maternas do bebé imaginário do que das percepções visuais que a mãe tem do feto. Assim se explica que apesar de as grávidas percecionarem, no decorrer da gravidez uma metamorfose e um aumento do tamanho do feto, essa tomada de consciência e a percepção visual do feto não parecem influenciar o processo projetivo no desenho da gravidez, não se registando, por isso, alterações significativas na imagem do bebé imaginário assim como na diferenciação da sua forma morfológica. No entanto, devido ao facto de o desenho, realizado no segundo trimestre, ter sido aplicado no contexto da realização da ecografia morfológica (realizada pelas vinte e duas semanas de gestação), poderemos ser levados a pensar que as mulheres poderiam estar preocupadas com os aspetos morfológicos do bebé. Por este motivo, não foi observado tal como seria esperado, um menor investimento na diferenciação da forma do bebé no desenho do segundo trimestre, por comparação ao desenho realizado no terceiro trimestre. Observa-se, no entanto, um aumento estatisticamente significativo, da dimensão da representação da imagem materna na passagem do segundo para o terceiro trimestre sugerindo um maior enriquecimento e diferenciação da imagem corporal da mulher grávida à medida que o nascimento se aproxima.

Concluimos, assim, que aquilo que se transforma, na passagem do segundo para o terceiro trimestre, não é a forma do bebé imaginário mas, sobretudo, a imagem corporal materna, sugerindo o desenvolvimento de uma função continente materna (Bion, 1963; Leff, 1997, 2004), de uma função de *holding* (Winnicott, 1975) e de um ajustamento materno (Canavarro, 2001; Mendes, 2002) à medida que a mulher se prepara para ser mãe. Poderemos deduzir que a imagem corporal da figura materna completa-se e prepara-se para dar corpo à maternidade, sugerindo o desenvolvimento de uma função continente materna durante a evolução da gravidez. Estes dados parecem ir ao encontro das concepções de Bion (1963) e de Raphael-Leff (2009), as quais destacam a função continente materna na gravidez, levando-nos a pensar que tal função continente poderá estar associada ao investimento narcísico da imagem materna na gravidez. Será a função continente materna desenvolvida durante a gravidez que prepara a mãe para a sua função materna.

Relativamente ao estudo comparativo, entre o segundo e o terceiro trimestre, do desenho da futura família imaginada os resultados revelam que a imagem corporal das figuras parentais e a imagem do bebé no desenho da família imaginada realizado no segundo trimestre são mais diferenciadas e evoluídas comparativamente ao terceiro trimestre, sugerindo a projeção narcísica de um cenário familiar idealizado e de completude, ainda afastado de um cenário familiar real do pós-parto. Os dados sugerem que a imagem do futuro bebé na família parece sofrer uma regressão na passagem do segundo para o terceiro

trimestre, de modo a aproximar-se da imagem do futuro bebé que a mãe imagina que irá ter.

Deste modo, concluímos que aquilo que se transforma na passagem do segundo para o terceiro trimestre é a pré conceção do futuro bebé o qual parece ocupar o lugar de um bebé recém-nascido. Esta observação vai ao encontro de dados da literatura (Stern, 1997; Stern & Stern, 1998), segundo os quais, entre o quarto e o sétimo mês de gravidez, o bebé imaginário torna-se progressivamente mais elaborado e nos dois meses que antecedem o nascimento da criança (oitavo e nono meses de gravidez) tende a desvanecer-se, dando progressivamente lugar à pré-conceção do bebé real, só descoberto no momento do nascimento.

As futuras mães projetam cenários familiares como forma de anteciparem e se prepararem para o nascimento e investirem com aspetos mais reais o futuro bebé real que surge projetado nos desenhos do terceiro trimestre com uma imagem corporal mais regressiva (próxima de um bebé recém-nascido).

Os resultados obtidos acerca das correlações observadas entre determinadas dimensões da escala do desenho da gravidez e outras dimensões da escala do desenho da futura família imaginada parecem ir ao encontro da literatura científica. Assim, a representação do bebé imaginário na gravidez parece estar positivamente associada à representação da imagem do bebé na família e à presença de rostos dos elementos familiares. Poderemos concluir que quanto maior investimento afetivo existir na representação do bebé imaginário na gravidez maior será o investimento emocional da imagem do bebé na futura família imaginada e também maior investimento haverá na presença de rostos dos elementos da família, como expressão de comunicação afetiva. Quanto maior é a diferenciação do bebé imaginário maior investimento existe na representação dos rostos, na atitude cinestésica e na imagem do bebé no cenário fantasiado da futura família. O resultados mostram também que quanto mais rica é a representação da imagem corporal da mulher grávida maior investimento haverá na presença dos rostos, dos elementos da família, na imagem corporal das figuras parentais e na atitude cinestésica, expressão de vitalidade emocional, na dinâmica da futura família.

Bibliografia

- Bion, W. (1963). *Learning from Experience*. London: W. Heinemann.
- Biscaia J. (1990). *Perder para Encontrar*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Biscaia, J.; Sá, E. (1996). Dinâmica emocional na gravidez- contributo para uma estratégia de avaliação da personalidade através do desenho. *Coimbra Médica*, 15, 253-260.
- Bydlowski, M. (2001). Le regard intérieur de la femme enceinte, transparence psychique et représentation de l'object interne. *Devenir*, 13, nº 2, 41-52.
- Carvalho, M. E. (2011). *O Bebé Imaginário, As Memórias Dos Cuidados Parentais*

- E As Representações Sonoro-Musicais Na Gravidez, No Estudo da Representação Da Vinculação Materna Pré-Natal E Da Orientação Para A Maternidade.* Tese de Doutoramento em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Doellinger, O. V. & Coelho, R. (2008). Corpo e Identidade. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28, 43-58.
- Gantt, L., & Tabone, C. (1998). *The Formal Elements Art Therapy Scale: The Rating Manual*. Morgantown, WV: Gargoyle Press.
- Hutz, C. S.; Bandeira, D. R. (1995). Avaliação Psicológica com o Desenho da Figura Humana: Técnica ou Intuição?. *Temas em Psicologia*, 3, 35-41.
- Hutz, C. S.; Bandeira, D. R. (2000). *Desenho da Figura Humana*. In J. A. Cunha (Ed.), *Psicodiagnóstico V* (pp. 124-165), Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kolck, O.L. van. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.
- Parquet, J., & Delcambre G. (1980). Dessins de corps d'enfants imagines pendant la grossesse. In Rapaport (Ed.), *Les Cahiers du Nouveau-Né, n°4. Corps de Mère, Corps d'Enfant*, (pp. 201- 218). Paris: Stock
- Raphael-Leff. (1997). *Gravidez - A História Interior*. Lisboa: Artes Médicas.
- Raphael- Leff. (2009). *Psychological processes of childbearing*. London: The Anna Freud Centre.
- Riazuelo, H. (2004). Les spécificités de l'attente d'un second enfant. In Missounier, S.; Golse, B.; Soulé, M. (Direction). *La grossesse, l'enfant virtuel et la parentalité*, 145- 159, Paris: PUF.
- Sá, E., & Biscaia. (2004). A gravidez no pensamento das mães- contributo para a avaliação da gravidez através do desenho. In Sá, E. (Ed.), *A Maternidade e o Bebê*, 13-21, Lisboa: Fim do Século.
- Safra, G. (2005). *A Face Estética do Self*. Lisboa: Ideias e Letras.
- Schilder, P. (1968). *L'image du corps: études des forces constructives de la psyché*. Paris: Éditions Gallimard.
- Swan-Foster, N., Foster, S., & Dorsey, A. (2003). The use of the human figure drawing with pregnant women. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 21 (4), 293-307.
- Tolor, A., & Digrazia, P.V. (1977). The body image of pregnant women as reflected in their human figure drawings, *Journal of Clinical Psychology*, 33 (2), 566-571.
- van Bussel, J. C., Spitz. B., & Demyttenaere. K. (2008). Anxiety in pregnant and postpartum women. An exploratory study of the role of maternal orientations. *Journal of Affective Disorders*, 114, 232-242.
- van Bussel, J. C., Spitz. B., & Demyttenaere, K. (2009a). Depressive symptomatology in pregnant and postpartum women. An exploratory study of the role of maternal antenatal orientations, *Archives of Women's Mental Health*, 12, 155-166
- van Bussel, J. C., Spitz, B., & Demyttenaere, K. (2009b). *Maternal antenatal orientations on pregnancy, the child and motherhood, reliability and construct validity of a brief measure*. *Individual Differences Research* (accepted).

- van Bussel, J. C., Spitz, B., & Demyttenaere, K. (2010a). Reliability and validity of the Dutch version of the Maternal Antenatal Attachment Scale. *Archives of Women's Mental Health, 13*, 267-277.
- van Bussel, J. C., Spitz, B., & Demyttenaere, K. (2010b). Three self-report questionnaires of the early mother-to-infant bond: reliability and validity of the Dutch version of the MPAS, PBQ and MIBS. *Archives of Women's Mental Health, 13*, 373-384.

